

O MITO VIVO: *HOMBRES DE MAIZ, DE ASTÚRIAS, E O
POPOL-VUJH*

*Silvia M.S. CARVALHO**

Numa comunicação de 15 minutos não pretendo muito mais do que chamar a atenção para esta obra de Astúrias que, juntamente com outras obras primas da literatura hispano-americana, urge ser incorporada à biblioteca da Faculdade. Em *Hombres de Maiz*, Astúrias faz muito mais do que atualizar os mitos precolombianos, utilizando-os como intertexto. Tem-se a impressão de que ele simplesmente dá continuidade ao *Popol-Vuh*, escrevendo mais um capítulo da epopéia que certamente está longe de se concluir. O relato de Astúrias é todo "chuva de mitos e constelações", como notam Lopes e Cañizal**, que apontam neste e em outros livros do autor para o "ideograma côsmico" - o "quincunce", símbolo do 5º sol, o "sol do movimento" - expresso de diversas formas em

* Docente do Programa de Pós-Graduação

** LOPES, E., CAÑIZAL, E.P. *O mito e sua expressão na literatura hispano-americana*: "do mito na história".

mais de uma passagem: quatro níveis correspondendo aos quatro elementos (ar, fogo, terra, água), quatro caminhos como os que se abrem a quem da terra vai para Sibalba (a região dos mortos do *Pepel-Vuh*) ... Assim, os bruxos de Gaspar Ilom, os coelhos amarelos do céu, os coelhos amarelos dos montes, os coelhos amarelos da água ... (p. 12). A trama é tão bem arquitetada que o 4º elemento, Ilom Garcia - a terra adormecida - é, logo no início do livro, lentamente despertado pela palavra da revolta, que se transforma em chama para instigar à luta, recriando o movimento, o místico "quincunce" do simbolismo precolombiano.

Os capítulos tomam o nome dos personagens-chaves, cuja história relatam.

O primeiro capítulo apresenta Gaspar Ilom: símbolo da terra, da ancestralidade, da indianidade; mas que reúne, ao mesmo tempo as qualidades de Cabrakan, dos primeiros tempos contados no *Pepel-Vuh*, aquele que provoca os terremotos (p. 93/94).

O segundo capítulo, "Machojón", é a história de um índio, mas índio casado com mulher não índia ("ladina") - a "Vaca Manuela" - e que, junto com ela, trama contra Gaspar Ilom, que por

eles é envenenado.

O terceiro nos apresenta "Veado das Sete Roças", bruxo que morre e ressuscita na sétima roça, e que tem seu nahual no veado, animal que é tido pelos índios como feiticeiro primevo e dono original do produto cultivado mais antigo do que o milho, que é a mandioca. Em uma das passagens, são justamente olhos de veado que um escultor índio passa a utilizar em imagens de santas, para grande escândalo dos ladinos.

Já o capítulo seguinte tem o nome do coronel Chalo Godoy, o colonizador matador de índios, que acaba reduzido pelos bruxos a um ridícuulo bonequinho de madeira; esta transformação corresponde justamente ao destino dos seres da 3ª Criação feita pelos deuses precolombianos.

Maria Té^cun dá nome ao episódio que conta as desgraças e a busca de Goyo Yic, o "Tacuat^zín" (gambá). Maria Té^cun é a índia que foge do mari do cego, para não continuar engravidando e pondo no mundo mais e mais pobreza. Esta estranha doença que faz com que as mulheres abandonem a seus homens, transformando-se em "tecunas", está em oposição a outro destino anormal para a mulher - após a colonização - destino que se crystaliza na figura de Miguelita de Acatán, moça-fantasma

que se ouve pedalar na máquina de costura quando soa a meia noite. Maria Tecun e Miguelita de Acatán correspondem às duas formas de desestruturação da vida feminina, com o avanço da civilização: a jornada dupla em casa, costurando para fora até altas horas da noite, para que a família possa sobreviver (movimento centrípeda, para dentro), ou o abandono do lar, a renúncia à família, a filhos, para vagar pelo mundo. Costureirinha ou prostituta ...

Se considerarmos o capítulo inicial como uma grande história que engloba todas as outras, pois é isto realmente que ocorre, teríamos o último capítulo como sendo o 5º e não o 6º. E se trata justamente da história de Correio-Coyote (5, Movimento), o índio que, abandonado pela mulher que virou "tecuna", também desaparece no meio do percurso de uma cidade a outra, levando o correio, tentando encontrar a sua amada. Tendo o coyote como nahual, Nicho Aquino acaba descobrindo que ela realmente morreu e isto ao longo de um estranho processo de iniciação, no mundo subterrâneo, em companhia de "Veado-das-7-Roças". No inframundo, o reencontro com Gaspar Ilom e seus bruxos-dos-vagalumes - os mesmos coelhos com orelhas de palha de milho do início do rela

to - todos imortais, todos descendentes dos antigos deuses do pedernal, ainda os outros deuses primordiais do Popol-Vuh. É nestas cavernas sombrias das profundezas a que só têm acesso os que são metade-homem, metade-animal, que Correio-Coyote (Nicho Aquino) passa por um processo iniciático que corresponde a todas as fases da Criação do *Popol-Vuh*: após cada uma das provas vencidas, os bruxos lhe anunciam que não é boneco de barro que se desmancha, depois que não é boneco de madeira e, finalmente, que se tornou um verdadeiro homem, **HOMEM FEITO DE MILHO**, o milho sagrado que não deve ser vendido, o milho que deve tão somente ser o pão nosso de cada dia, repartido entre irmãos.

Apesar de Astúrias retratar em *Hombres de Maíz* a desorganização da vida indígena pelas transformações da colonização, seus relatos persistem em apontar um retorno possível de algo que ficou suspenso, em algum lugar, entre o céu e o nada, algo etéreo como uma idéia, um pensamento, que um dia descerá liquefeito do céu, ao mesmo tempo que brotará do subconsciente dos verdadeiros homens. A CHUVA, a "Piojosa Grande", um dia voltará a trazer para a terra as almas-energias que se foram. A imagem evocada por Astúrias

é a mesma idéia que ainda hoje se encontra entre os Guajiro da Venezuela, entre os Yanomani e entre muitas outras sociedades indígenas.

E esta é justamente a resposta para o enigma de todo o livro. Astúrias consegue assim trazer, em um relato intrincado, bellissimo, o pensamento de transcendência que marca toda a visão do mundo indígena.

E fica-se a pensar se a **verdadeira História** não deverá ser um dia exatamente esta, a do realismo fantástico, principalmente aqui nas Américas ...